



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Estilos Parentais e a Adaptação Psicossocial da
Criança ao Pré-Escolar**

Cláudia Nunes Freitas

14301

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Lígia Monteiro

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Lurdes Mata

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Educacional

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação de Lígia Monteiro, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional.

AGRADECIMENTOS

Finalizada uma etapa particularmente importante da minha vida, não poderia deixar de agradecer e reconhecer o apoio de diversas pessoas que, direta ou indiretamente, deram os seus contributos e que tanto contribuíram para tornar este trabalho possível. Assim sendo, deixo os meus agradecimentos especiais e sinceros:

À Professora Doutora Lúcia Monteiro, minha orientadora, por ser uma referência na Área da Investigação, por toda a disponibilidade, dedicação e excelente orientação no alcance dos meus objetivos e pelo estímulo e exigência crescente que foi impondo à medida que caminhava para a sua conclusão.

Ao meu colega de Mestrado, João Simões, pela valiosa colaboração no tratamento estatístico e por todo o incentivo e conselhos que me deu na realização da dissertação.

À minha família por me acompanhar neste percurso com todo o seu apoio, carinho e motivação, que me permitiu continuar e nunca desistir.

Aos meus amigos, que sempre estiveram presentes com o seu apoio e incentivo, encorajando-me e fazendo-me acreditar na realização deste trabalho, com especial destaque para as minhas amigas: Luciana, Rita, Sara e Heloísa, que me ajudaram muito e deram conselhos fundamentais, para a conclusão deste trabalho e, acima de tudo, estiveram incansavelmente a meu lado, dando-me força para acreditar em mim própria, o que, sem elas, não teria conseguido.

À Professora Doutora Lurdes Mata e aos meus colegas de Seminário de Dissertação, pela troca de experiências, pela partilha de ideias, pela disponibilidade e por todo o incentivo no decorrer do meu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivos, analisar as semelhanças e diferenças nos estilos parentais de mães e pais, de crianças em idade pré-escolar e as associações entre os diferentes estilos parentais, bem como a adaptação psicossocial da criança ao contexto pré-escolar. Alguns estudos indicam que os diferentes estilos parentais têm influência nos comportamentos das crianças no pré-escolar. Os participantes deste estudo foram 300 famílias bi-parentais, tendo as crianças idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo 155 do sexo feminino e 111 do sexo masculino e respetivos pais. Os dados sobre os estilos parentais de ambos os pais, foram recolhidos através da *Escala de Estilos e Dimensões Parentais* (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001), enquanto que os dados da competência social da criança, foram recolhidos pelas educadoras através da *Escala de Competência Social e Avaliação do Comportamento* (LaFreniere & Dumas, 1996). Os resultados apontam para o facto de ambos os pais manifestaram uma concordância muito elevada entre a adoção dos mesmos estilos parentais.

Quanto ao relacionamento dos estilos parentais de ambos os pais, com o comportamento que as crianças manifestam no pré-escolar, constatou-se que tanto o pai como a mãe autoritária, têm influência sobre os comportamentos de agressividade na criança, não se tendo verificado nenhuma relação com o isolamento, enquanto que a mãe autoritativa tem influência nos comportamentos de competência social da criança, ou seja, quanto mais os pais são autoritários, menos competentes são as crianças socialmente.

Palavras-chave: Estilos Parentais; Competência social; Agressividade; Isolamento Social

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the similarities and differences in parenting styles of mothers and fathers of children in preschool and the associations between the different parenting styles and children's psychosocial adaptation to the preschool context. Some studies indicate that different parenting styles influence the children behavior in preschool age. The participants in this study are 300 bi-parental families; children were aged between 3 and 5 years, and 155 females and 111 males and their respective parents. The data on the parenting styles of both parents were collected by *Parenting Styles and Dimensions Scale* (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001). While the data of the social competence of children were collected by the teachers through the *Social Competence Scale and Behavior Rating* (LaFreniere & Dumas, 1996). The results point to the fact that both parents show a very high correlation between the adoptions of the same parenting styles.

Regarding the relationship of parenting styles of both parents with behavior that children manifest in preschool, it was found that both the father and the mother have authoritative influence on aggressive behavior with children, however there was no relationship with isolation, while the mother has authoritative influence on behavior of children's social competence, the parents are more authoritarian and the children are less sociable.

Keywords: Parenting Styles, Social Competence, Aggression, Social Isolation

ÍNDICE

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract.....	V
Introdução	1
Revisão da Literatura.....	4
O Conceito de Família	4
Os Estilos Parentais	6
A Adaptação Psicossocial da Criança ao Pré- Escolar	9
Competência Social.....	9
Agressividade.....	12
Isolamento Social Ansioso	15
Os Estilos Parentais na Relação da Adaptação Psicossocial da Criança	17
ao Pré- Escolar.....	17
Método.....	19
Participantes	19
Instrumentos	19
Dados Socio – Demográficos	19
Estilos Parentais	19
Adaptação Psicossocial	20
Procedimento.....	21
Resultados.....	22
Estilos Parentais.....	22
Adaptação psicossocial no pré-escolar	23
Estilos parentais Paterno e Materno e o Ajustamento psicossocial.....	24
Discussão	26
Referências.....	33

Lista de Tabelas

TABELA 1 - ESTATÍSTICA DESCRITIVA DAS 3 SUBESCALAS DA ESCALA DE ESTILOS PARENTAIS	22
TABELA 2 - CORRELAÇÕES DAS 3 SUB-ESCALAS ENTRE PAI E MÃE DA ESCALA: ESTILOS E DIMENSÕES PARENTAIS	23
TABELA 3 - ESTATÍSTICA DESCRITIVA DAS 3 SUB-ESCALAS DA ESCALA: COMPETÊNCIA SOCIAL E AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO	24
TABELA 4 - CORRELAÇÕES ENTRE AS SUB-ESCALAS DAS ESCALAS: ESTILOS E DIMENSÕES PARENTAIS MÃE E PAI E DA ESCALA DE COMPETÊNCIA SOCIAL E AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO.....	25

INTRODUÇÃO

Atualmente, e com as mudanças na conceptualização da parentalidade, existem na nossa sociedade várias concepções do papel paterno, sendo importante salientar que nos últimos anos a paternidade tem vindo a tornar-se mais ativa e envolvente.

Desta forma, os pais apresentam estilos similares às mães, sendo que estas apresentam uma leve vantagem relativamente aos pais, uma vez que aceitam melhor os papéis parentais e as transformações que o aparecimento de um filho desencadeia, enquanto que a figura paterna, devido à falta de experiência, demonstra menos confiança nas suas capacidades e atribuem as responsabilidades às mães. No entanto, quando é necessário, os pais assumem o papel de principal responsável ou escolhem reforçar o seu papel parental e a sua relação com a criança, demonstrando assim ter a capacidade de adquirir as competências necessárias para serem bons pais (Lamb,1992). De acordo com Lewis e Lamb (2003), esta é uma das limitações patentes nesta área, dado existirem maioritariamente estudos que abordam somente o estilo parental materno, deixando de parte a importância que a figura paterna tem no desenvolvimento global da criança.

Embora presentemente exista pouca informação sobre os estilos parentais e possíveis diferenças de género nesses mesmos estilos, constatou-se, segundo Winsler, Madigan e Aquilino (2005) que as mães, tendencialmente, demonstram práticas parentais do estilo autoritativo, enquanto que os pais apresentam práticas mais direcionadas para um estilo autoritário, baseado em estratégias disciplinares. Através da investigação realizada por estes mesmos autores, verificou – se também que os pais das crianças que detêm o estilo parental permissivo, tendem a casar-se com pessoas que são também relativamente permissivas e possuem deste modo um grau menor de autoritarismo, enquanto que os pais que possuem um estilo autoritativo semelhante, estabelecem uma maior concordância na forma como educam os seus filhos. De acordo com uma perspectiva sistemática familiar, os estilos parentais das mães e dos pais são designados como interdependentes. No entanto, é importante referir que, mais do que os aspetos positivos, que cada um dos pais pode, individualmente, transmitir às crianças, os aspetos que funcionam em parceria irão contribuir maioritariamente para o desenvolvimento global e funcionamento da criança (Winsler, Madigan & Aquilino, 2005). Deste modo, Baumrind (1967) relacionou estes estilos parentais às características das crianças do pré-escolar, influenciadas por cada um destes, concluiu que os filhos dos pais autoritativos, mostravam ter um bom desenvolvimento, manifestando serem alegres, socialmente responsáveis, autoconfiantes, orientados para a realização da tarefa e cooperativos com os

adultos e com o grupo de pares. Contrariamente a estes, os filhos dos pais autoritários, na maior parte das vezes, eram mal-humorados, aparentemente infelizes, manifestavam estar frequentemente perturbados, pouco amigáveis e praticamente sem objetivos, enquanto que os filhos dos pais permissivos, tendem a possuir um pior desempenho nos estudos, a envolver-se em problemas de comportamento, como a agressividade e são menos independentes (Darling, 1999, cit. por Weber, Brandenburg & Viezzer, 2003).

Posteriormente, Baumrind (1971) realizou um estudo em que comparou os estilos parentais com o comportamento dos seus filhos, no qual verificou que as crianças dos pais autoritativos tinham valores significativamente superiores, tanto nas suas competências cognitivas como nas suas habilidades sociais, do que os filhos dos pais autoritários que manifestavam valores abaixo da média nas habilidades sociais e cognitivas, do que os filhos dos pais permissivos que possuíam poucas habilidades em ambas as áreas. Deste modo, comparativamente com os filhos dos pais autoritários e permissivos, os filhos dos pais autoritativos, na adolescência, demonstraram ser mais confiantes, orientados para a realização das tarefas, socialmente competentes e não apresentaram problemas de comportamento e de delinquência (Baumrind, 1991).

Considerou-se assim este tema pertinente para ser estudado uma vez que existem poucos estudos em que se correlacione os estilos parentais das mães e dos pais, ao mesmo tempo que se procura verificar em que medida os diferentes estilos parentais influenciam as relações que a criança estabelece no contexto pré-escolar. Assim, com este estudo, tenho como objetivos analisar as semelhanças e diferenças nos estilos parentais de mães e pais de crianças em idade pré-escolar e as associações entre os diferentes estilos parentais e a adaptação psicossocial da criança ao contexto pré-escolar.

Na presente investigação, numa primeira fase, encontra-se o enquadramento teórico, com base numa revisão bibliográfica, tendo em conta um conjunto de investigações e autores, que retratam detalhadamente estas temáticas. Esta revisão de literatura é composta pelas temáticas: Conceito de Família, Estilos Parentais, Adaptação Psicossocial da Criança ao Pré-Escolar (que tem como conceitos, a Competência Social, a Agressividade e o Isolamento Social) e os Estilos Parentais na relação da Adaptação Psicossocial da Criança ao Pré-Escolar.

Numa segunda fase, serão apresentados os objetivos da presente investigação e as hipóteses teóricas. Numa terceira fase esta investigação é composta pelo método, onde se descreve a componente mais prática do estudo, nomeadamente os participantes, os instrumentos utilizados e o procedimento.

Na fase seguinte, procedeu-se aos resultados, nomeadamente à descrição e interpretação dos mesmos. Por fim, na última fase do trabalho, procedeu-se à discussão dos resultados, onde se retirou as principais conclusões.

REVISÃO DA LITERATURA

O Conceito de Família

A família define-se como sendo um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças. Os laços de parentesco são relações entre indivíduos estabelecidas através do casamento, ou por meio de linhas de descendência, que ligam familiares consanguíneos (mães, pais, filhos, filhas, avós, etc.). Deste modo, as relações familiares são sempre reconhecidas dentro de grupos de parentescos mais amplos (Guiddens, 2004).

O desenvolvimento humano, como entendido na abordagem ecológica de Bronfenbrenner (1996) é observado através de mudanças duradouras que ocorrem ao longo do percurso de vida de um ser humano presente numa sociedade, o que vai transformar a forma como as pessoas percebem e lidam com o ambiente em seu redor. Este ambiente, de acordo com esta abordagem, divide-se em quatro níveis crescentes interarticulados que influenciam e se modificam de acordo com os comportamentos e ações dos indivíduos. Deste modo, o primeiro nível corresponde à família do indivíduo que é caracterizada como o primeiro ambiente em que a criança participa ativamente. Primeiramente, estas interações manifestam-se pela diádica, que consiste normalmente na relação da mãe com a criança. Com o passar do tempo, a criança começa a estabelecer outras relações dentro do grupo familiar, em que este sistema é constituído por vários subsistemas, como é o caso da relação do pai com a criança ou a relação entre irmãos. A família, com a qual a criança interage, é designada por *microssistema*. Este, consiste num padrão de atividades, papéis e relações interpessoais, experienciados pela pessoa em desenvolvimento, nos ambientes em que se insere e estabelece relações com os outros, apresentados como sendo a maior fonte de segurança, proteção, afeto, bem-estar e apoio para a criança. A garantia de permanência de estabilidade faz a família funcionar como um sistema integrado, tendo como principal objetivo o bem-estar dos seus membros. O segundo nível, corresponde ao *mesossistema* que consiste nas relações vividas pelos membros da díade constituinte do microssistema, no mesmo ambiente com outras

peças do meio em seu redor, sendo estes os lares, as escolas e os grupos de pares, que irão também influenciar a forma como a criança interage na sociedade, por exemplo, as crianças que mantêm um bom relacionamento com os pais, são mais facilmente aceites pelo grupo de pares e valorizam mais as amizades próximas e de apoio, no decorrer da infância e da adolescência. O terceiro nível dos sistemas constitui o *exossistema*, no qual um ou mais ambientes não envolvem a pessoa como participante ativo, mas ocorrem acontecimentos que afetam ou são afetados por aquilo que acontece no ambiente, no qual se encontra a pessoa em desenvolvimento, por exemplo, o ambiente de trabalho dos pais que afeta a relação emocional que estabelecem com os filhos em casa, conforme gostem ou não do seu trabalho. O quarto e último sistema, o *macrossistema* é caracterizado por ocorrer o desenvolvimento, na medida em que representa o contexto cultural, subcultural ou a classe social, nos quais os outros sistemas estão inseridos. Este sistema, representa assim uma ideologia abrangente que dita a forma como as crianças devem ser tratadas, o que lhes deve ser ensinado e os objetivos que devem ser alcançados, contudo, estes valores, diferem de uma cultura para a outra e influenciam os tipos de experiências, que as crianças vivenciam nas suas casas, escolas, vizinhança e através de outros contextos que as afeta direta e indiretamente.

Outra perspectiva do desenvolvimento humano é a abordagem funcionalista, que advoga uma sociedade como um conjunto de instituições sociais que desempenham funções específicas, garantindo a continuidade e o consenso da sociedade de forma global. Segundo esta perspectiva, a família desempenha funções importantes que contribuem para satisfazer as necessidades básicas da sociedade e da reprodução da ordem social. Deste modo, pode-se assim afirmar, de acordo com esta abordagem, que a família é o primeiro grupo de socialização primária da criança, que consiste no processo através do qual se aprendem as normas culturais da sociedade onde se cresce. Em relação a esta aprendizagem, realizada nos primeiros anos da infância, a família é, desta forma, o mais importante sistema para o desenvolvimento da personalidade humana (Giddens, 2004).

De acordo com Maccoby (2000), a primeira infância é um período, no ciclo de vida dos seres humanos, especialmente moldável, um momento em que as crianças são especialmente abertas às influências sociais, cujas características levarão com elas depois de deixarem a sua família de origem.

Cruz (2005) define a parentalidade como “ um conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (p. 13).

Contudo apesar das múltiplas influências que incidem sobre a criança, os pais são os adultos com mais responsabilidade na sua educação. Deste modo é importante referir que os pais desempenham importantes funções e papéis na vida da criança. Nomeadamente têm a função de assegurar a sua sobrevivência, proporcionar e estimular o crescimento, a socialização nos comportamentos de diálogo e comunicação, satisfazendo a necessidade de afeto, confiança e segurança, que se traduz nas relações de vinculação e, por último, devem garantir a interação social e a integração da criança, nos outros contextos educativos da comunidade em que se insere (Cruz, 2005).

Os Estilos Parentais

De acordo com Darling e Steinberg (1993), para perceber de que forma os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança, deve-se ter em conta três aspetos principais: Os objetivos principais relacionados com a socialização; as práticas parentais utilizadas para ajudar a criança a atingir esses objetivos; e o clima emocional no qual a socialização ocorre. Deste modo pode-se afirmar que as “práticas parentais educativas dizem respeito aos comportamentos com objetivo específico, através dos quais os pais manifestam os seus deveres parentais” (p. 448), por outro lado, os estilos parentais, representam “o conjunto de atitudes que são comunicadas à criança e que, todas juntas, criam um clima emocional, no qual os pais atuam de determinada forma” (p. 448). Deste modo, constata-se que as práticas parentais (comportamentos) são exercidas a partir da avaliação dos estilos parentais (atitudes).

Em meados dos anos 60, Baumrind deu início a um conjunto de estudos cujo objetivo era avaliar o impacto das práticas parentais em várias dimensões na vida do indivíduo, o que, posteriormente, contribuiu para a formulação de três estilos parentais: o permissivo, o autoritário e o autoritativo, que deram origem ao modelo de estilos parentais. Este modelo, foi depois reformulado por Maccoby e Martin (1983), estes propuseram duas dimensões ortogonais: A exigência/controlo parental e a aceitação/responsividade parental, que resultaram em quatro estilos parentais. A aceitação/responsividade consiste numa atitude que os pais adotam face aos comportamentos dos seus filhos, na medida em que são sensíveis e procuram corresponder sempre às suas necessidades, através do apoio e da promoção de afetos e de um feedback positivo, quando estes correspondem às suas expectativas, ao mesmo

tempo que também são bastante críticos quando a criança se porta mal e não respeita as regras impostas. Contrariamente a estes, os outros pais, adotam uma postura de exigência/controle, ao estabelecerem regras rígidas que esperam que os seus filhos cumpram, para garantirem que estas sejam cumpridas e não sejam quebradas, controlando de perto todas as atividades dos seus filhos. Existem ainda outros pais, menos controladores, que adotam uma postura mais permissiva, na medida em que exigem pouco da criança dando-lhe liberdade, de modo a que esta apenas faça o que quer e o que lhe interessa e tome as decisões sozinha sobre as suas próprias atividades (Maccoby & Martin, 1983).

Mais tarde, o modelo dos estilos parentais proposto por Baumrind em 1989 e reformulado por Maccoby e Martin (1983) integrou um novo estilo parental, resultante da separação do estilo permissivo em dois: o indulgente e o negligente. Esta distinção possibilitou a diferenciação das famílias que tem poucas atitudes de controlo, existindo uma variação no seu nível de responsividade (Maccoby & Martin, 1983).

Os pais autoritativos procuram orientar as atividades da criança de uma forma racional e estimulam a sua independência e individualidade, encorajando a troca de ideias e compartilhando com as crianças as razões que as conduziram a tomar determinadas decisões, exercendo, ao mesmo tempo, um controlo consistente quando surgem os desentendimentos e não adotando, contudo, restrições excessivas, nem recorrendo a práticas punitivas exageradas. Deste modo, respeitam os direitos e as particularidades dos seus filhos, existindo reciprocidade nos compromissos assumidos (Baumrind, 1966). As crianças provenientes destas famílias, apresentam maiores níveis de competência social relativamente às outras crianças, nomeadamente as raparigas, que apresentam comportamentos mais independentes, intencionais, dominantes e orientados para a realização das tarefas, enquanto que os rapazes apresentam comportamentos mais amigáveis e cooperantes (Cruz, 2005).

Os pais autoritários recorrem ao controlo, tentando modelar o comportamento dos filhos de acordo com os seus padrões de conduta absolutos. Estes pais valorizam o respeito pela autoridade e pela ordem, recorrendo a medidas punitivas para obter obediência e não encorajam a troca de opiniões com os seus filhos, sendo pais que fazem muitas exigências aos filhos mas restringem a sua autonomia, não estimulando a comunicação, na medida que consideram que os filhos devem aceitar todas as opiniões dos pais sem contestarem (Baumrind, 1966). Os filhos do sexo masculino de pais autoritários são mais hostis e resistentes enquanto que as raparigas são menos independentes e dominadoras (Cruz, 2005).

Relativamente ao estilo permissivo, em primeiro lugar, os pais indulgentes manifestam-se contrariamente aos pais autoritários, na medida em que não estipulam regras,

nem estabelecem limites para a criança, fornecendo-lhe pouca responsividade e maturidade, uma vez que são demasiado tolerantes, possibilitando que as crianças orientem o seu próprio comportamento, não obstante, são afetivos e recetivos para com os seus filhos, correspondendo assim a todas as suas necessidades (Glasgow, Dornbusch, Troyler, Steinberg & Ritter, 1997).

Por último, o estilo negligente, resulta da combinação entre o controlo e a responsividade em baixos níveis. Os pais negligentes não são afetivos nem exigentes com os seus filhos e revelam pouco investimento na socialização da criança, não orientando sequer o seu comportamento. Tendencialmente, mantêm os seus filhos à distância, respondendo somente às suas necessidades básicas. Comparativamente com os pais indulgentes que se mantêm envolvidos com os seus filhos, estes estão centrados nos seus próprios interesses (Glasgow, Dornbusch, Troyler, Steinberg & Ritter, 1997).

Neste sentido, de acordo com Bronfenbrenner (1996), as relações de poder no seio familiar influenciam os estilos parentais e as práticas educativas utilizadas com as crianças, sendo que a ausência de afeto ou a rejeição, desencadeiam consequências negativas para o desenvolvimento da criança, comprometendo as relações que esta irá estabelecer com as pessoas que a rodeiam. Assim, segundo Howes (1983), enquanto que o pequeno número de relações diádicas de crianças mais novas, têm a finalidade de servir como suporte das crianças, face à ausência das figuras parentais, as crianças do pré – escolar, parecem explorar um maior número de relações mais ocasionais e menos estáveis, o que pode desencadear diferentes tipos de competências sociais.

De acordo com diversos estudos, foi também evidente uma diferença notória, relativamente ao papel da figura paterna, em famílias biparentais e em famílias monoparentais. Na primeira, constatou-se um maior envolvimento do pai na vida ativa das crianças, enquanto que na segunda acaba por haver um decréscimo nessa mesma relação. (Cabrera, Tamis – Le Monda, Brandy, Hofferth, & Lamb, 2000).

Neste seguimento, Robinson (1996) realizou um estudo, no qual comparou os estilos parentais dominantes em quatro países: China, Rússia, Austrália e Estados Unidos, tendo concluído que na China e na Rússia, o estilo autoritário é mais predominante, enquanto que na Austrália e nos Estados Unidos é o autoritativo. Estes últimos demonstraram ser mais recetivos quanto ao surgimento dos problemas exteriores ao seio familiar, tais como os que ocorrem em ambiente pré-escolar, tendo-se verificado ainda que existiam menos diferenças entre os pais dos Estados Unidos e os da Austrália.

Torna-se assim importante referir que crianças que tenham por base estilos parentais assentes em relações sólidas, em que a harmonia e a afetividade são constantes, irão desenvolver estilos comportamentais e intelectuais superiores, do que as que apresentam uma relação parental menos fortificada. Importa então mencionar que a afetividade está presente em todo o comportamento e desenvolvimento da criança e, regra geral, nos primeiros anos de vida. Esse aspeto provém da relação que a criança estabelece com os seus pais e/ou cuidadores, sendo que, essa influência, também é possível de se verificar em contexto escolar, partindo dos Professores e Educadores, fomentarem boas práticas com os seus educandos. Assim, se uma criança for estimulada, motivada, compreendida e acarinhada pelos pais, o seu comportamento e aprendizagem serão igualmente positivos. Se isto não acontecer, as crianças, geralmente, têm tendência a manifestarem comportamentos menores de auto - controlo e de assertividade e, conseqüentemente, acabam por ser menos competentes em termos sociais e académicos, apresentando assim menor competência social (Custódio & Cruz, 2008).

A Adaptação Psicossocial da Criança ao Pré- Escolar

Competência Social

A escola apresenta-se para as crianças como uma peça fundamental no seu desenvolvimento, uma vez que é nela que passam a maior parte do seu tempo. A sua importância reflete-se sobretudo ao nível da regulação da atenção, das emoções e dos comportamentos (Eccles & Roeser,1999). Por outro lado, a educação é também considerada como um dos principais vínculos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual nas escolas e nas instituições educativas, no sentido de prevenir as dificuldades sociais dos alunos e de promover as competências de sociabilidade e de interação social na construção das relações de amizade (Carvalho, 2006).

No que respeita à sociabilização, é nas escolas que se criam os primeiros laços/amizades com elementos externos à família. De acordo com Ladd, Kochenderfer e Coleman (1996), estas relações de amizade (com o grupo de pares), podem proporcionar a aquisição de capacidades fundamentais, para o desenvolvimento sócio emocional das crianças, agindo deste modo como um contexto socializador. Neste sentido, os recursos

emocionais e instrumentais, aumentam a capacidade das crianças para ultrapassar positivamente os contratempos desencadeados pelo ambiente, adaptando-se, ao mesmo tempo, a estes.

Do ponto de vista da abordagem ecológica, as relações de amizade são interpostas pelas transições ecológicas (Bronfenbrenner, 1996). Estas ocorrem quando a criança começa a aumentar as suas relações, passando a interagir com outros microssistemas ecológicos tais como a vizinhança e a escola, entre outros, para além do de origem, que é designado como sendo a família, precisando assim de adquirir a competência de desempenhar novos papéis específicos, na adaptação a cada contexto (Alves, 1997, cit. por Ceconello & Koller, 2000).

A educação pré-escolar apresenta-se, na educação, como uma etapa que tem características intrínsecas que a distingue dos outros níveis de ensino, sendo aquela que proporciona uma primeira interação entre crianças e que, conseqüentemente, revela ter uma maior importância para o desenvolvimento da criança. Assim sendo, esta educação contribui de forma evidente para o processo de socialização da criança, na medida em que segundo Papalia, Wedkos e Feldman (2001), os jardins-de-infância são centros de aprendizagem, onde as crianças mais novas interagem e aprendem umas com as outras, estimulando o desenvolvimento dos domínios físico, social, emocional e cognitivo, através da interação ativa com educadores, outras crianças e por meio de materiais didáticos. O jardim-de-infância tem como objetivo auxiliar as crianças de modo a que estas aprendam a ter um relacionamento saudável com os outros e a desenvolver competências sociais e emocionais tais como a cooperação, a autoestima, a confiança e o autocontrolo, o que vai ao encontro daquelas que são as características da competência social (Papalia, Wedkos & Feldman, 2001).

Segundo Spencer (2003, cit. Batista, Monteiro, Santos, Silva & Sousa, 2011), a competência social constitui na capacidade para obter determinados resultados positivos a partir das interações interpessoais, podendo ser igualmente definido de forma mais lata, como a capacidade da criança de integrar competências comportamentais, cognitivas e emocionais para se adaptar a uma diversidade de contextos sociais. De acordo com Sassu (2007, cit. Batista, Monteiro, Santos, Silva & Sousa, 2011), a competência social divide-se em três parâmetros: atributos individuais, capacidades sociais e atributos do relacionamento com os pares. Os atributos individuais estão relacionados com o temperamento da criança, com a sua dependência dos adultos, com a empatia, capacidade de humor, entre outros. As capacidades sociais por outro lado, estão diretamente ligadas a características como a assertividade, capacidade de justificar os seus comportamentos, capacidade para pertencer a um determinado grupo, participar em discussões, demonstrar interesse pelos outros, etc. Por

último são apresentados os atributos do relacionamento com os pares, que consiste na aceitação da criança por outras crianças, através de um convite para brincar ou trabalhar em conjunto e ser considerada pelas mesmas como membro pertencente ao grupo.

Por conseguinte, a competência social, segundo Lemos e Menezes (2002) é um construto multidimensional, que inclui fatores sociais/interpessoais, cognitivos e emocionais, que se baseia no comportamento socialmente competente resultante da integração entre quatro componentes: relações com os pares, cognição social, problemas de comportamento e habilidades sociais eficazes. Os autores acrescentam ainda que a competência social na escola tem sido alvo de uma especial atenção. A investigação nesta área tem demonstrado que a competência social relaciona-se fortemente com a realização académica, verificando-se diferenças entre alunos com e sem dificuldades de aprendizagem. Alunos com dificuldades de aprendizagem são, regra geral, menos aceites ou mais rejeitados pelos pares e revelam deficits em vários comportamentos sociais positivos, demonstrando níveis mais elevados de comportamento social negativo. Deste modo, os problemas externalizados e internalizados e a hiperatividade, constituem componentes distintos, contudo indispensáveis aos problemas de comportamento. Por sua vez, as habilidades sociais, os problemas de comportamento e as competências académicas, apresentam relações significativas entre si, parecendo oferecer contribuições distintas e complementares ao funcionamento social adaptado e desadaptado.

Uma criança socialmente competente, apresenta capacidade de empatia e sensibilidade em envolver-se em atividades sociais positivas com os seus pares e, deste modo, constrói relações de amizade, adquirindo a capacidade de se adaptar a situações de stress (Howes, Hamilton, & Matheson, 1994). Existem evidências que demonstram que as crianças, que interagem com o seu grupo de pares, são aceites pelos mesmos, apresentando auto-perceções positivas, enquanto que as crianças que são rejeitadas e socialmente isoladas, tendem a ter auto-perceções mais negativas (Nelson, Fox & Rubin, 2005).

De acordo com o tipo de brincadeira no pré-escolar, verifica-se que se podem distinguir dois tipos de comportamentos: os dominantes e os subordinados. A criança que é considerada dominante no seu grupo de pares, é geralmente mais desenvolvida fisicamente ou possui maior conhecimento, o que, segundo Hawley (2002) é um fator propício ao desenvolvimento de mais comportamentos pró-sociais, isto é, um comportamento que a criança realiza de forma a beneficiar sempre o outro, sem esperar qualquer tipo de recompensa. Este mesmo autor menciona, no entanto, que existe uma dificuldade crescente de distinguir comportamentos coercivos e pro-sociais, visto que ambos estão relacionados com a competência social.

Considera-se assim que a competência social é adaptativa, sendo que, as crianças agressivas ou socialmente isoladas, exibem comportamentos, emoções e cognições, considerados desadequados, colocando em causa o seu normal desenvolvimento psicológico (Rubin & Burgess, 2002).

Agressividade

Existem vários fatores que podem influenciar o comportamento das crianças, tais como os fatores biológicos, que fazem com que estas manifestem uma vertente mais emocional, bem como outras características tais como o histórico das experiências vividas e as capacidades cognitivas que possam possuir. As relações não só têm uma componente cognitiva, mas também a influência das experiências que vão vivenciando, os valores e as crenças do próprio grupo, no qual estão inseridas, que irá influenciar as relações que a criança estabelece com os outros (Rubin, 1998).

De acordo com a teoria da aprendizagem social de Bandura (1973, cit. Fariz, Mias e Moura, 2005), o comportamento agressivo da criança é adquirido por meio da aprendizagem observacional e por conseguinte por um processo de modelação, pelo que, os atos agressivos, precisam de ser apreendidos e necessitam de modelos (família, grupo de pares, pessoa significativa para a criança) que os exibam e demonstrem que, este tipo de ações, são recompensadoras ou passíveis de punição.

A criança passa por diversos estados de desenvolvimento e é nestes que acontecem as grandes aprendizagens. No entanto o desenvolvimento não avança como degraus de uma escada, o fluxo é contínuo, contudo a criança passa por equilíbrios e desequilíbrios (Gessell, 1996), o que significa que é natural esta apresentar retrocessos num estágio de desenvolvimento antes de adquirir uma nova aprendizagem, os quais são importantes para a sua aprendizagem. Neste sentido, Bronfenbrenner (1996) defende que o desenvolvimento humano consiste num processo de adaptação progressiva entre a pessoa em desenvolvimento e o contexto em seu redor. Deste modo os indivíduos tendem a manifestar e principalmente a repetir e manter os seus comportamentos, de acordo com demandas e reforços dos ambientes que fazem parte das relações que estabelecem.

A agressão é, desta forma, designada como um comportamento em que a intenção é magoar ou causar danos nos outros. Existem dois tipos diferentes de agressão: a agressão

relacional, que é um comportamento que pretende causar danos psicológicos aos outros e danificar as relações por meio, por exemplo, da exclusão social, a qual está relacionada com as raras e a agressão aberta que consiste na manifestação de comportamentos físicos para com os outros, como puxar, bater e empurrar, a qual se manifesta mais nos rapazes (Robinson, Olsen, McNeilly, Hart & Nelson, 1998).

Card, Hawleaw e Hodges em 2005, veem apresentar, para além deste tipo de crianças, outros dois tipos de agressão manifestadas: a agressão proactiva ou instrumental e a agressão reativa. A primeira é aquela que está diretamente relacionada com os objetivos pessoais que as crianças pretendem alcançar, as quais adotam uma atitude confiante na medida em que a agressão trás benefícios e as faz acreditar que podem aumentar a sua auto estima, dominando outras crianças, que normalmente se deixam dominar com receio de represálias. Por sua vez, a agressão reativa, consiste na manifestação de altos níveis de hostilidade e agressividade em resposta a ofensas ou frustrações. Deste modo, as crianças com este tipo de comportamentos, desconfiam das pessoas, muitas vezes vêem-nas como adversários hostis que merecem ser tratados de maneira agressiva. No entanto estes dois comportamentos derivam de perspetivas diferentes, pois a agressão reativa está mais relacionada com aspetos severos de dificuldades de ajustamento social tais como: a delinquência, criminalidade, vitimização, timidez ou fobia social, do que a proactiva ou instrumental, que se encontra mais associada à necessidade de controlo social.

Surge também o Modelo das Relações Sociais de Kenny em 1994, que consiste num método conceptual e analítico, que captura a natureza interpessoal e centra-se em três aspetos: o significado do grupo, que é a perceção que cada elemento do grupo tem das diferenças individuais entre eles; a divisão de grupos, que consiste no relato da diferença entre os grupos e o que os distingue e, por fim, a reciprocidade, que se traduz na forma como se aceitam entre grupos (Card, Hawleaw, Hodges, 2005).

Outro aspeto a ter em consideração relativamente à agressividade é o status social, sendo este considerado multifacetado e constituído por 4 componentes: a vitimização, a influência de grupo, a popularidade percebida e a preferência social. A primeira característica refere-se ao grau em que as crianças são vítimas de agressão ou são excluídas internamente do seu grupo. A influência do grupo consiste na habilidade individual de afetar / influenciar o comportamento do grupo. Por sua vez, a popularidade percebida, consta na perceção da criança relativamente à popularidade de certos elementos do grupo e, por último, a preferência social, refere-se às tendências da criança, relativamente ao que mais ou menos gostam dentro do grupo. Estes autores verificaram também que não existem diferenças entre os géneros

(masculino/feminino) na agressão instrumental, enquanto que na agressão relacional, é mais visível dentro do mesmo género (neste caso do género feminino), do que em géneros diferentes, verificando-se assim uma maior rejeição por parte dos pares neste tipo de agressão. Relativamente à popularidade, esta é também mais importante para as raparigas do que para os rapazes. (Card, Hawleaw, Hodges, 2005).

Uma forma de agressividade que parece bem adaptada e válida é usada para a manutenção da hierarquia de um grupo social, na medida em que a perceção de status social, está diretamente ligada ao uso de agressividade instrumental, visto que o status social representa, segundo a teoria de aprendizagem social, um reforço ao comportamento agressivo (Hawley 2003; Pristein & Cillessen, 2003).

È importante salientar que o maltrato entre pares ou vitimização é considerado um subtipo de comportamento agressivo, designado por bullying e são observados, na sua maioria, em contexto escolar (Olweus, 1993). Considera-se que a vitimização é um processo que sucede num contexto coletivo, na medida em que o jovem agressor se une a outros que possuem os mesmos comportamentos e, à medida que a confiança é estabelecida, a violência é reforçada intra-grupo. Este reforço além de gerar estereótipos, legitima a violência e banaliza valores éticos importantes como o respeito pelas diferenças individuais (Almeida, 2000).

Por sua vez, se não for controlada, a agressão na infância, prenuncia a expressão de distúrbios externalizantes, como o abandono da escola e a criminalidade na adolescência (Bierman e Wargo, 1995; Coie, Terry, Lenox, Lochman, e Hyman, 1995, cit. por Rubin & Burgess, 2002), contudo, mais importante que contrariar o comportamento agressivo das crianças, deve-se, antes de mais, melhorar as suas interações sociais e perceber a origem das suas dificuldades (Crick, 1996).

Isolamento Social Ansioso

O isolamento social ansioso, é uma construção de comportamento que reflete um conflito com os processos internos, provocando uma desregulação emocional, originando, nas crianças, um comportamento sistemático de timidez, ansiedade e numerosos transtornos de humor (Degnan, Fox & Rubin, 2008).

Segundo Rubin e Coplan (2004), o isolamento social tem que estar enquadrado num contexto cultural e social, visto que os comportamentos variam consoante a cultura da criança e o contexto social no qual está inserida. Este comportamento pode assim ocorrer por diferentes razões; desde o esquecimento por parte do grupo, até ao desinteresse dentro do grupo, de uma forma coletiva e, deste modo, a criança manifesta uma má adaptação ao grupo. Esta rejeição tem consequências negativas desde as idades mais novas. O pré-escolar é a fase de desenvolvimento da criança em que surgem os primeiros distúrbios de ansiedade, baixa auto estima, dificuldade na resolução de problemas, exclusão social, rejeição por parte do grupo e dificuldades académicas. Estas crianças, como são extremamente envergonhadas e ansiosas, são mais propícias a desenvolverem distúrbios sociais, nomeadamente fobia social, durante a infância. Contudo, quando a criança começa a avançar na idade, a trajetória negativa deixa de ter tanta relevância.

De acordo com um estudo realizado na China, que constatou que a cultura é determinante na forma como os comportamentos das crianças são percebidos pela sociedade, verificou-se que, ao contrário da cultura ocidental, os comportamentos de timidez e de retraimento social na cultura chinesa, são vistos como comportamentos adequados e deste modo são encorajados, enquanto que noutros países, tal não acontece, sendo características vistas como negativas e que devem ser ultrapassadas pela criança (Rubin & Coplan, 2004).

Estas crianças poderão também estar em risco devido à possibilidade de adquirirem maiores dificuldades na aquisição da linguagem, dos valores morais e na forma de expressar sentimentos de agressividade, visto que as consequências negativas do isolamento social, sobretudo em contexto escolar, podem ser entendidas como um padrão comportamental persistente que causa mal-estar. Estas crianças, são caracterizadas por uma baixa frequência e duração de interações sociais, neste caso com o grupo de pares. Trata-se geralmente de crianças que passam a maior parte do tempo sozinhas, ou em atividades solitárias, interagindo com os colegas somente em momentos específicos e sobretudo perante a necessidade da realização de algumas tarefas (Carvalho, 2006).

A falta de experiências da relação com os pares, torna estas crianças socialmente incompetentes (Rubin & Krasnor, 1986). Assim nos anos intermediários da infância, a falta de competências sociais demonstrada por crianças socialmente isoladas, prevê a rejeição por parte dos pares (Rubin, 1993).

Nelson, Rubin e Fox (2005) verificaram através de diversos estudos, que as raparigas e os rapazes são diferentes na frequência de comportamentos exibidos de isolamento social. No jardim-de-infância, o comportamento solitário passivo em rapazes, foi negativamente associado à competência social e positivamente associada à timidez e internalização de distúrbios. Estas evidências revelam que ter comportamentos não-sociais, tem mais custos psicológicos para os rapazes do que para as raparigas. Contudo, uma falta de aceitação por parte dos pares, pode ter mais efeitos negativos sobre o desenvolvimento de autoconceitos nas raparigas do que nos rapazes, na medida em que a auto- percepção das relações está em causa. Por sua vez, existem evidências que os comportamentos não sociais em rapazes e a rejeição de pares em raparigas, podem ter implicações negativas sobre o desenvolvimento das auto-percepções. Desta forma, o isolamento social para ambos os sexos, aparece relativamente estável, visto que quando chegam à fase adulta sofrem de depressões, de baixa auto estima, têm menos vida social e tem atrasos nas transições de vida como casar e ter filhos (Rubin & Coplan, 2004).

De acordo com Rubin e Burgess (2002), a primeira interação pais-criança, apresenta-se como um contexto necessário para que as competências e a interação se desenvolvam. Esta relação fornece à criança muitas das habilidades (linguagem, capacidade de controlar impulsos, entre outras), necessárias para iniciar e manter as relações positivas com os outros. Desta forma a relação pais -filhos, constrói recursos emocionais e cognitivos que permitem à criança explorar o ambiente social e não social. Esta é uma rede de segurança que permite à criança a liberdade para examinar características do universo social e assim promover o desenvolvimento das habilidades na resolução de problemas. Os primeiros relacionamentos entre pais-filhos, são assim precursores de todos os relacionamentos extra-familiares posteriores. Assim, é dentro desta relação que a criança começa a desenvolver expectativas e suposições, sobre as interações com as outras pessoas e a desenvolver estratégias para atingir objetivos pessoais e sociais.

Contudo, como anteriormente foi referido, existem diferentes tipos de educação parental e nem sempre as relações de interação entre pais-filhos são positivas. Existem pais que são mais árdios e exigentes e conseqüentemente as crianças têm um menor controlo emocional e maiores dificuldades de aprendizagem, por sua vez, estas crianças, normalmente, têm pais que também têm dificuldades de controlo emocional, o que vai condicionar as relações entre pais e filhos, sendo que estas crianças, mais tarde, também terão dificuldades de controlo com os seus próprios filhos, enquanto que existem outros pais que manifestam ser mais empáticos, na medida em que respondem às necessidades da criança e ajudam-na a controlar as suas emoções, contribuindo assim para o seu normal desenvolvimento (Gustafsson, Cox & Blair, 2012).

Conclui-se assim, que a parentalidade representa um desafio para os pais e uma fonte de situações desencadeadoras de stress (falta de recursos financeiros, recursos de separação, o divorcio e a falta de suporte social e também o facto de existir, por parte das crianças, as crenças parentais negativas) podendo originar comportamentos negativos nos filhos, acrescido do facto de, os próprios pais, poderem ter tido histórias educativas particularmente negativas. Por vezes, os pais, enfrentam o desafio com aceitação e sensibilidade, contudo, outras vezes, enfrentam o desafio do cuidado dos filhos de forma indiferente, insensível, negligente e / ou com hostilidade. Deste modo, a criança problemática, que demonstra dificuldade de

comportamento, envoca nos pais emoções e cognições, que não se revelam numa criança normal, que demonstre uma inadaptação de comportamento. No caso das crianças normais, a produção da agressão e do isolamento social, vão ativar nos pais sentimentos de interesse e, nos casos de crianças agressivas, desencadeiam a raiva. Estes efeitos são regularizados pelos pais e pelas tentativas de compreensão, racionalização ou justificação, do comportamento dos filhos e também pela qualidade das relações sociais da criança, em casa, na escola e na vizinhança. Assim, no caso das crianças não problemáticas, a estimulação dos pais conduz à adaptação e a uma solução focada nas idealizações destes, que resultam da sensibilidade e da resposta para lidar com os problemas de comportamento. Contrariamente, quando a interação entre pais-filhos são negativas, pode afetar o normal desenvolvimento da criança, uma vez que esta precisa do apoio e acompanhamento por parte dos pais, percecionando estes como um suporte e modelo de aprendizagem, de modo a compreender melhor como se deve comportar em situações futuras e tornar-se num adulto socialmente integrado na comunidade (Rubin & Burgess, 2002).

Este estudo visa analisar os estilos parentais de mães e pais de crianças em idade pré-escolar e as associações entre os diferentes estilos parentais e a adaptação psicossocial da criança ao contexto pré-escolar.

Espera-se que: 1) os estilos parentais das mães se caracterizem essencialmente por um estilo autoritativo, enquanto o dos pais se caracterize, essencialmente, pelo autoritário; 2) a concordância entre os estilos parentais de mães e pais se verifique, essencialmente, ao nível da dimensão da permissividade; 3) o estilo parental autoritário de mães e pais se encontre negativamente correlacionado com a dimensão da competência social e positivamente correlacionado com a agressão e isolamento ansioso; 4) um estilo parental autoritativo de mães e pais se encontre positivamente correlacionado com a dimensão da competência social e negativamente correlacionado com a agressão e isolamento ansioso. 5) um estilo parental permissivo de mães e pais, se encontre negativamente correlacionado com a competência social e positivamente correlacionado com a agressão e isolamento ansioso.

MÉTODO

Participantes

Neste estudo participaram 300 famílias bi-parentais, em que ambos os pais trabalham a tempo inteiro. As crianças tinham entre os 3 e os 5 anos, sendo 155 do sexo feminino e 111 do sexo masculino. As respetivas mães apresentavam idades compreendidas entre 23 e 48 anos ($M=34.97$; $DP=4.3$) e os pais entre 21 e 62 anos ($M=37.11$; $DP=5.3$). As habilitações literárias das mães variavam entre os 4 e 21 anos de escolaridade ($M=13.77$; $DP=3.4$), e as dos pais entre os 4 e os 19 anos ($M=11.78$; $DP=3.5$). As crianças frequentavam creches/jardins-de-infância do ensino público e privado do distrito de Lisboa, Aveiro e Porto, tendo as famílias sido recrutadas para o estudo, através destas instituições.

Instrumentos

Dados Socio – Demográficos

Foi solicitado às mães e pais que preenchessem uma *Ficha de Identificação* (Veríssimo, não publicada) relativa aos dados sócio - demográficos da família.

Estilos Parentais

Para avaliar os Estilos Parentais, foi aplicado o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (Robinson, Mandlco, Olsen, & Hart, 2001). Este instrumento foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Ferreira, Fernandes, Santos e Veríssimo (2011), tendo sido baseado no Child Rearing Practices Report de Block, (1965) e nas tipologias dos estilos parentais (Braumrind, 1971), tendo como principal objetivo analisar as perceções que mães e pais têm acerca dos seus estilos e práticas parentais.

Este questionário é composto por 62 itens que são respondidos numa escala tipo Likert de 5 pontos e organizados em 3 dimensões: Autorizante; Autoritário e Permissivo.

A dimensão do Estilo Autorizante é constituída por 27 itens que se organizam em 4 subescalas: a Afetividade e a Sensibilidade/ Envolvimento (11 itens), (e.g. “ 1. Eu encorajo o nosso filho a falar acerca dos problemas das criança”), a “Razão/Indução” (7 itens), (e.g. “ 5. Eu elogio o nosso filho quando este é bom”), a “Participação Democrática” (5 itens) (e.g. “ 22. Eu permito ao nosso filho que dê parecer no que concerne às regras familiares”) e a “Bondade e Serenidade” (4 itens) (e.g. “ 27. Eu digo ao nosso filho que apreciamos o que ele tenta fazer ou realizar.”). A dimensão “Estilo Autoritário” é constituída por 20 itens, organizados em 4 subescalas: Hostilidade Verbal (4 itens) (e.g. “ 13. Eu grito ou berro, quando o nosso filho se comporta mal”), Castigo Corporal (6 itens) (e.g. “ 6. Eu bato no nosso filho quando este é desobediente”), Irracionalidade e Estratégias Punitivas (6 itens) (e.g. “ 10. Eu castigo tirando os privilégios ao nosso filho com poucas ou nenhuma explicações.”) e Directividade (4 itens) (e.g. “37. Eu uso o castigo físico como forma de disciplinar o nosso filho.”) A terceira dimensão, “Estilo Permissivo”, é constituída por 15 itens que se distribuem por 3 subescalas: Ausência de Acompanhamento (6 itens) (e.g. “ 15. Eu permito ao nosso filho perturbar alguém.”), Ignorar Mau Comportamento (4 itens) (e.g. “ 8. Eu evito gritar e / ou criticar mesmo quando o nosso filho age contrariamente aos nossos desejos.”) e Auto - Confiança (5 itens) (e.g. “ 31. Eu levo em consideração os desejos do nosso filho antes de lhe perguntar para fazer alguma coisa.”).

Este instrumento apresenta *Alphas* de Cronbach com níveis bons e excelentes de fiabilidade nas suas subescalas: autorizante mãe ($\alpha=.81$); autoritário mãe ($\alpha=.92$); permissivo mãe ($\alpha=. 82$); autorizante pai ($\alpha=. 80$); autoritário pai ($\alpha=. 89$); e permissivo pai ($\alpha=. 82$).

Adaptação Psicossocial

Para avaliar a Adaptação Psicossocial, foi utilizado o Questionário da Escala de Competência Social e Avaliação de Comportamento (LaFreniere & Dumas, 1996), na versão traduzida e adaptada para amostras portuguesas por Santos e Veríssimo (2008).

Este instrumento é constituído por 30 itens, respondidos numa escala de Likert de 6 pontos e organizados em 3 dimensões: Competência Social, Agressividade e Isolamento Ansioso. A Competência Social (10 itens), considera as características positivas manifestadas pelo sujeito, tal como a Alegria, a Segurança, a Tolerância, a Integração Social, a Calma, o

Comportamento Prosocial, a Cooperação e a Autonomia (e.g. “ 15- toma em consideração o ponto de vista das outras crianças”). A Agressividade (10 itens), descreve os comportamentos externos do sujeito considerados negativos, tal como a Raiva, a Agressão, o Egoísmo e a Oposição(e.g. “ 11- força outras crianças a fazerem o que elas não querem fazer ”) O Isolamento Ansioso (10 itens), descreve comportamentos considerados negativos, mas associados a aspectos internos, como a Depressão, a Ansiedade, o Isolamento e a Dependência (e.g. “ 7- tímida , com medo (ex: evita situações novas) ”) .

Este instrumento apresenta *Alphas* de Cronbach com níveis aceitáveis de fiabilidade nas suas subescalas: competência social ($\alpha=.88$); agressividade ($\alpha=.78$) e isolamento social ($\alpha=.92$).

Procedimento

Para a realização desta investigação, procurou-se recolher num conjunto de várias creches, uma amostra de grande dimensão, tendo como critério de seleção, crianças em idade pré-escolar, provenientes de famílias bi-parentais. Procedeu-se de seguida, às respetivas autorizações junto dos diretores das escolas, informando os mesmos das instruções da aplicação dos questionários, garantindo o anonimato de todas as respostas e dados recolhidos.

Seguidamente, os questionários de caracterização sócio-demográfica e dos estilos parentais, foram entregues pelas educadoras das crianças aos participantes, sendo solicitado que mães e pais preenchessem o questionário de modo independente. O questionário de adaptação psicossocial foi respondido pelas educadoras das salas de Jardim-de-Infância, frequentadas pelas crianças das famílias em estudo.

Os dados foram depois analisados e correlacionados através do *software SPSS Statistics 17.0.0*.

RESULTADOS

Nesta secção serão apresentadas, as medidas de dispersão (as Médias, Desvios-Padrão) e de fiabilidade (Alpha de Cronbach) e ainda sucessivas correlações de Pearson, de forma a se verificar as possíveis correlações das subescalas dos instrumentos, utilizados neste estudo.

Estilos Parentais

Na tabela 1, são apresentadas as médias e desvios-padrão das dimensões do questionário de estilos parentais. Como se pode observar, o valor médio mais elevado, quer para mães, quer para pais, surge na dimensão autorizante. Este parece ser o estilo mais saliente apresentado pelos pais, que constituem esta amostra. Não se verificaram diferenças nos estilos parentais, em função do género.

Tabela 1 - *Estatística descritiva das 3 subescalas da escala de Estilos Parentais*

MÃE		
Sub-escalas	Média	Desvio padrão
Estilo Autorizante	4.0	.52
Estilo Autoritário	1.82	.43
Estilo Permissivo	1.97	.56
PAI		
Sub-escalas	Média	Desvio padrão
Estilo Autorizante	3.79	.73
Estilo Autoritário	1.76	.50
Estilo Permissivo	1.93	.60

De seguida analisaram-se as correlações entre os estilos parentais de mães e pais, sendo os resultados apresentados na Tabela2.

Na tabela 2, verifica-se a existência de correlações significativas entre todos os estilos parentais. Deste modo, ambos os pais manifestam uma concordância muito elevada entre a adoção dos mesmos estilos parentais, na medida em que se verificaram correlações positivas e significativas entre o estilo autorizante; o estilo autoritário e o estilo permissivo do pai com o da mãe em cada um destes estilos. Verificando-se também, correlações positivas e significativas, no estilo permissivo da mãe com o estilo autoritário do pai e o estilo autoritário da mãe com o estilo permissivo do pai. Contactou-se assim, que tanto a mãe como o pai, quando têm um estilo parental autoritário, revelam simultaneamente um estilo parental permissivo.

Na tabela 2, salienta-se também a existência de correlações negativas e significativas, entre o estilo autoritário e o permissivo da mãe com o estilo autorizante do pai e, também, entre o estilo autorizante da mãe com o estilo autoritário e o permissivo do pai. Comprovou-se que tanto a mãe como o pai, quando têm um estilo parental autorizante, manifestam, com menos frequência, os restantes estilos parentais.

Tabela 2 - *Correlações das 3 sub-escalas entre Pai e Mãe da escala: Estilos e Dimensões Parentais*

Sub-escalas	E. Autorizante Pai	E. Autoritário Pai	E. Permissivo Pai
E. Autorizante Mãe	.66**	-.24 **	-.15**
E. Autoritário Mãe	-.27**	.68**	.42**
E. Permissivo Mãe	-.17**	.51**	.74**

Nota: *p <.05; ** p <.01

Adaptação psicossocial no pré-escolar

Na tabela 3, são apresentadas as médias e desvios-padrão das dimensões do questionário de competência social e avaliação de comportamento. Como se pode observar, o valor médio mais elevado, nas crianças, surge na dimensão da competência social. Este parece ser o comportamento mais saliente apresentado pelas crianças que constituem esta amostra.

Tabela 3 - Estatística descritiva das 3 sub-escalas da escala: Competência Social e Avaliação do Comportamento

CRIANÇAS		
Sub-escalas	Média	Desvio padrão
Competência Social	3.68	.98
Agressividade	1.87	.79
Isolamento	1.77	.60

Não se verificaram, assim, diferenças em função do género nas três dimensões: competência social, agressividade e isolamento. No entanto, constatou-se a existência de diferenças, em função da idade, das crianças nestas dimensões. Verificou-se que a idade das crianças apresenta-se negativa e estatisticamente correlacionada com a agressividade ($r = -.16$; $p < 0.01$) e com o isolamento ($r = -.23$; $p < 0.01$) e positiva e estatisticamente correlacionada, com a competência social ($r = .36$; $p < 0.01$).

Estilos parentais Paterno e Materno e o Ajustamento psicossocial

Como se pode verificar na Tabela 4, o estilo autorizante materno, encontra-se positiva e significativamente correlacionado, com a competência social das crianças, descrita pelas educadoras, tal como o estilo permissivo. Enquanto que o estilo autoritário e o permissivo da mãe, encontra-se também, positiva e significativamente correlacionado, com a agressividade.

Para o pai, verifica-se que o estilo permissivo paterno, se encontra negativa e significativamente correlacionado, com a competência social das crianças. Enquanto que o estilo autoritário e permissivo do pai, encontra-se positiva e significativamente correlacionado com a agressividade.

Contudo, não se verificou qualquer correlação com o isolamento, quer com o estilo parental materno, quer paterno.

Tabela 4 - *Correlações entre as sub-escalas das escalas: Estilos e Dimensões Parentais Mãe e Pai e da Escala de Competência Social e Avaliação do Comportamento*

MÃE			
Sub-escalas	Competência Social	Agressividade	Isolamento
Estilo Parental Autorizante Mãe	.55**	.01	.09
Estilo Parental Autoritário Mãe	-.1	.13*	.03
Estilo Parental Permissivo Mãe	.14*	.13 *	-.00
PAI			
Sub-escalas	Competência Social	Agressividade	Isolamento
Estilo Parental Autorizante Pai	-.3	.05	.04
Estilo Parental Autoritário Pai	-.12	.17**	-.00
Estilo Parental Permissivo Pai	-.20**	.19 **	.05

Nota: *p <.05; ** p <.01

DISCUSSÃO

Considerou-se importante analisar os estilos parentais dos pais, para melhor compreender os comportamentos das crianças no pré-escolar, tendo este estudo, como principais objetivos, a análise das semelhanças e diferenças dos estilos parentais de mães e pais, de crianças em idade pré-escolar e as associações entre os diferentes estilos parentais e a adaptação psicossocial da criança, ao contexto pré-escolar. Na primeira hipótese, pretendia-se verificar se os estilos parentais das mães, se caracterizam essencialmente por um estilo autoritativo, enquanto que o dos pais se caracteriza, essencialmente, pelo estilo autoritário, tendo-se verificado que esta hipótese não vai de encontro à literatura. Segundo Winsler, Madigan e Aquilino (2005), as mães tendencialmente demonstram estilos parentais do estilo autoritativo, enquanto que os pais apresentam práticas mais direcionadas para um estilo autoritário, baseado em estratégias disciplinares, contudo verificaram-se, na nossa amostra, dados que demonstram claramente que, a dimensão mais saliente para ambos os pais, é a autorizante, apresentando valores reduzidos nas restantes dimensões.

Quanto à segunda hipótese, pretendia-se verificar se existia a concordância entre os estilos parentais de mães e pais, essencialmente, ao nível da dimensão da permissividade. Esta hipótese verifica-se, mas a concordância obtida não se limita a esta dimensão, também, na dimensão autorizante e autoritária se obtiveram correlações positivas e significativas. Schoppe, Mangelsdorf & Frosh (2001), vêm justificar estes dados referindo que ambos os pais necessitam de adotar práticas semelhantes e consistentes, relativamente à educação da criança, uma vez que esta precisa de possuir uma base de apoio, por parte dos pais, ao longo do seu percurso de desenvolvimento. Torna-se assim emergente que ambos os pais manifestem comportamentos de afetividade, de estimulação e coerência, diminuindo os riscos dos seus filhos, mais tarde, manifestarem problemas de comportamento na interação com o seu meio. Deste modo, um dos fatores que promove o desenvolvimento da competência social nas crianças, é a co-parentalidade, a qual, consiste na cooperação e confiança mútua entre ambos os progenitores, na educação dos seus filhos. Estes mesmos autores, através de um estudo que realizaram, afirmam que as interações familiares negativas, ou seja, a co-parentalidade enfraquecida, estava associada às crianças com problemas exteriorizados. Deste

modo, independentemente do tipo de relacionamento entre os progenitores, considera-se essencial que estes sejam aliados um do outro, no desempenho do seu papel parental.

Segundo Chen, Dong e Zhou (1997), dentro dos estilos parentais, o estilo autoritativo é o mais benéfico para um bom desenvolvimento da criança. Assim, uma relação conjugal harmoniosa, é constituída por uma boa comunicação e cooperação entre o casal e, conseqüentemente, existem poucas divergências entre estes, o que irá proporcionar a adoção de relações parentais responsivas e afetuosas. As relações conjugais conflituosas, por sua vez, são caracterizadas por dificuldades de comunicação entre os parceiros, na procura da resolução dos problemas que surgem, podendo originar um menor envolvimento parental e a adoção de práticas mais rígidas e menos consistentes, na interação com as crianças (Cummings & Davies, 2002).

Na terceira hipótese, espera-se que o estilo parental autoritário de mães e pais, se encontre negativamente correlacionado, com a dimensão da competência social e, positivamente correlacionado, com a agressão e o isolamento ansioso. Verifica-se que este estilo, quer para a mãe, quer para o pai, apenas se encontra positivamente correlacionado, com a agressividade, logo, rejeita-se esta hipótese. Esta situação, prende-se com o facto da existência de uma interação das crianças, que interagem no pré-escolar, e que mantêm com os seus pais. Deste modo, os estudos realizados nesta área, evidenciam que, quando os pais adotam comportamentos autoritários, hostis e punitivos, com os seus filhos, conseqüentemente, as crianças desenvolvem comportamentos de imaturidade cognitiva, incompetência na comunicação e agressão – hostilidade. Por outro lado, os comportamentos parentais positivos, correspondem à afetividade, à aceitação, orientação positiva e ao envolvimento parental, os quais estão interligados a comportamentos socialmente competentes, a baixos níveis de problemas exteriorizados e interiorizados, permitindo desenvolverem uma maior maturidade cognitiva, o que irá possibilitar uma maior aceitação por parte dos pares (Rubin, Burgess & Hastings, 2003; Rubin & Burgess, 2002).

Quanto à dimensão do isolamento social, de acordo com os dados analisados, verificou-se a inexistência de correlação desta com o estilo parental autoritário, uma vez que estes dados não vão de encontro ao que afirma a literatura, que, de acordo com Baumrind (1967), o estilo autoritário tem sido associado aos comportamentos de isolamento social nas crianças. Com as primeiras pesquisas realizadas nesta área, descobriram que as crianças que manifestavam um comportamento de timidez no pré-escolar, tinham pais mais autoritários, enquanto que as crianças que eram socialmente competentes no pré-escolar, tinham pais mais autoritativos.

Segundo Hastings, Rubin e DeRose (2005), nos primeiros quatro anos de vida, devido à sua complexidade, os comportamentos de isolamento social nas crianças são difíceis de ser observáveis, uma vez que ainda manifestam comportamentos inconsistentes. No entanto Carvalho (2006), verificou que as diferentes intervenções com estas crianças, têm sido benéficas e úteis sendo que, um dos grandes desafios, é a manutenção dos ganhos comportamentais, pelo que, o meio onde a criança está inserida, tem grande importância, podendo estar na origem de muitos comportamentos inadequados e a possibilidade de mudança destes comportamentos, proporciona o reforço de outros comportamentos mais desejados.

Alguns investigadores descobriram que o género modera as interações, entre os pais e as crianças pequenas, com comportamentos socialmente isolados (Hastings & Rubin, 1999). Eisenberg e seus colegas realizaram vários estudos, nos quais verificaram uma relação mais forte nas meninas do que nos meninos, relativamente à socialização materna e comportamentos pró-sociais (Hastings, Rubin & DeRose, 2005). Contudo, neste estudo, não se verificaram diferenças em função do género das crianças nas três dimensões: competência social, agressividade e isolamento. No entanto, constatou-se a existência de diferenças em função da idade das crianças nestas dimensões. Verificou-se que, a idade das crianças, apresenta-se negativa e estatisticamente correlacionada com a agressividade e com o isolamento e positiva e estatisticamente correlacionada com a competência social. Constatou-se, desta forma que, à medida que a idade da criança aumenta, esta tende a manifestar menos comportamentos de agressividade e isolamento e mais comportamentos de competência social, na relação com os outros no pré-escolar.

As crianças, aos três anos, começam a manifestar maiores comportamentos de agressividade, devido à necessidade que sentem de se autoafirmarem. De acordo com Gesell (1996), a criança, aos três anos, expressa uma grande tensão que exprime de forma ativa, através de diversos escapes. Nessa idade, esta tem dificuldades em aceitar as ideias e os desejos dos outros. Aos quatro anos, verifica-se que as crianças começam a ser mais sociáveis com os outros e começam a ter maior auto-domínio delas próprias. Contudo, apenas a partir dos 5 anos, é que a criança começa a ter “consciência do outro” na medida em que começa a perceber quando os seus comportamentos agressivos magoam o outro, manifestando assim, outras formas de agressão mais passivas, como as agressões verbais (Brazelton & Sparrow, 2006). De acordo com Hawley (2002), as crianças, à medida que avançam na idade, começam a ter maior controlo dos seus comportamentos coercivos e manifestam características positivas, tais como a assertividade, a autonomia e a independência.

Quanto à quarta hipótese, pretendia-se averiguar se um estilo parental autoritativo de mães e pais se encontram positivamente correlacionado com a dimensão da competência social e negativamente correlacionado com a agressão e isolamento ansioso. Verificou-se que o estilo parental materno, está positiva e significativamente correlacionado com a competência social das crianças e, deste modo, é aceite a hipótese nesta variável, contudo não se verificou nenhuma correlação com as variáveis agressividade e isolamento. Por outro lado, o estilo parental paterno, está também positivamente correlacionado com a competência social contudo não é significativa e não se constatou qualquer correlação com a variável agressividade e isolamento, pelo que, deste modo, esta não é aceite. Verifica-se assim, que existe uma média mais elevada da competência social, por parte das crianças, no pré-escolar, relativamente aos comportamentos de agressividade e isolamento.

Apesar de atualmente ter existido uma mudança nas conceptualizações da parentalidade, uma vez que os pais começaram a apresentar estilos similares às mães, estas continuam a ter vantagem relativamente aos pais na educação dos seus filhos, uma vez que aceitam melhor os papéis parentais e as transformações que o aparecimento de um filho desencadeia, enquanto que a figura paternal, devido à falta de experiência, demonstra menos confiança nas suas capacidades e atribuem as responsabilidades às mães (Lamb, 1992). De acordo com alguns estudos realizados nesta área, constatou-se a existência de um maior número de ligações, entre os estilos parentais das mães e o comportamento pró-social das crianças, do que com os estilos parentais dos pais (Hastings, Rubin & DeRose, 2005). Como anteriormente foi referido, o estilo parental autoritativo, é aquele que contribui para um equilíbrio mais eficaz entre os altos níveis de exigência e responsividade. Estes pais estabelecem regras e normas claras que os seus filhos têm de cumprir e, ao mesmo tempo, monitorizam o comportamento e utilizam métodos de disciplina, quando as regras não são cumpridas pelas crianças, mantendo a afetividade, fornecendo suporte, encorajando a comunicação bidirecional, tendo em consideração o ponto de vista da criança e reconhecendo os direitos dos pais e das crianças. Consequentemente espera-se, destas crianças, uma maior competência social e um comportamento mais responsável e maduro (Baumrind, 1991; Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh, 1987, cit. por Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter, 1997).

Por outro lado, as crianças que não estabelecem uma relação segura com os seus pais, durante os seus primeiros anos de vida, podem vir a ter maiores dificuldades em desenvolver uma competência social e emocional na interação com o seu meio, não possuindo uma base estável essencial, que possa permitir um adequado desenvolvimento, comprometendo assim o

sucesso acadêmico e social e, conseqüentemente, o futuro da criança (McCabe & Altamura, 2011).

Quanto à última hipótese, pretende-se verificar se um estilo parental, permissivo de pais e mães, se encontram negativamente correlacionado com a competência social e positivamente correlacionado, com a agressão e o isolamento. Verificou-se que o estilo parental materno, está positiva e significativamente correlacionado, com a competência social e com a agressividade das crianças, logo rejeita-se a hipótese neste estilo, contudo o estilo parental paterno, está negativa e significativamente correlacionado com a competência social e positiva e significativamente correlacionado com a agressividade nas crianças, logo aceita-se a hipótese para o estilo parental paterno. Contudo não se verificou nenhuma correlação com o isolamento nas crianças, quer na relação com o pai, quer com a mãe. Estes resultados remetem para as características que os pais permissivos apresentam face a interação com os seus filhos. Segundo Baumrind (1966), estes pais, na relação com a criança, comportam-se de forma não-punitiva, apresentando-se como um meio para a criança realizar os seus desejos e ações e não como um modelo a seguir, uma vez que não se demonstram responsáveis por moldar ou direcionar o comportamento da criança. Mais tarde, Maccoby e Martin (1983), dividem o estilo parental permissivo em dois: o estilo indulgente e o estilo negligente, uma vez que existem dois tipos de pais permissivos, tornando-se assim fundamental, a sua devida distinção na interação com a criança. Os pais indulgentes apresentam-se como responsivos, mas não são exigentes e não estabelecem limites nem regras às crianças, enquanto que o estilo negligente, refere-se aos pais que não se envolvem nos seus papéis de pais e, a longo prazo, o papel parental tende a diminuir cada vez mais e, por vezes, chega a desaparecer, ao ponto de restar apenas uma mínima relação funcional entre pais e filhos (Maccoby & Martin, 1983). Deste modo, os resultados que surgem mais negativos nas crianças, estão relacionados com os filhos de pais negligentes, visto que estes apresentam, de um modo geral, um menor desempenho em todos os domínios, nomeadamente um baixo rendimento escolar, sintomas depressivos, baixa auto-estima e problemas afetivos e comportamentais (Darling, 1999; Radziszewska, Richardson, Dent & Flay, 1996, Quintin, 2001, cit. por Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Os diferentes estilos parentais influenciam diretamente o desenvolvimento dos filhos, podendo determinar, através de uma transmissão geracional, os estilos parentais que os filhos irão adotar futuramente (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

A forma como os progenitores interagem e educam os seus filhos, é fundamental para a promoção de comportamentos socialmente adequados, contudo, por vezes, as famílias

adotam comportamentos inadequados na interação com a criança, através de uma disciplina inconsistente, com pouca orientação e supervisão das atividades (Bolsoni – Silva & Marturano, 2002). No entanto, o facto de determinados pais adotarem comportamentos inadequados, na interação com a criança, poderá ser uma consequência de determinadas circunstâncias do quotidiano que se acumularam influenciando a qualidade parental e, conseqüentemente, o normal desenvolvimento da criança, o qual se manifesta através do stress parental, tendo este como principais causas: as dificuldades socioeconómicas da família, problemas conjugais, divórcio dos pais, a depressão materna, hiperatividade dos filhos, o abuso e a parentalidade autoritária, fatores que estão relacionados com o ambiente familiar, com as características da criança, entre outros (Deater- Deckard & Scarr, 1996).

A primeira limitação encontrada neste estudo, remete para um único modelo de recolha de dados, isto é o questionário. Neste sentido torna-se necessário avaliar o comportamento dos pais na interação com a criança, através de uma entrevista, para evitar a contaminação das respostas. Segundo Bolsoni- Silva e Marturano (2008), a entrevista é um método importante de levantamento de informação, sobre avaliação do comportamento da criança, na relação com os pais. É fundamental adotar o formato de entrevista, com questões abertas e registo das respostas pelo entrevistador, mediante o uso de uma check list, formato que previne a indução de respostas do entrevistado, ao mesmo tempo que proporciona, ao pesquisador, um procedimento ágil para registo e posterior cotação dos dados (Bolsoni- Silva & Marturano , 2008).

A segunda limitação, remete para o facto das variáveis socioeconómicas e das diferentes estruturas familiares, como por exemplo, famílias monoparentais, pais divorciados, entre outras, não terem sido controladas neste estudo, podendo originar um enviesamento dos resultados e estar assim na origem dos valores observados. Para além dos fatores metodológicos, considero, ainda como uma ultima limitação deste estudo, que existem poucos estudos que abordem a interação do pai com a criança, visto que, maioritariamente, os estudos existentes, centram-se na relação da criança com a mãe, existindo também poucos estudos em Portugal, que analisem a variável estilos parentais e as variáveis de comportamento social de forma simultânea, pelo que, futuramente, seria interessante existirem mais estudos nesta área.

Para além destas medidas, proponho que se desenvolva um programa de divulgação de formação parental, uma vez que nem todas as famílias portuguesas têm acesso a este tipo de programas, principalmente as famílias com um nível socioeconómico mais baixo. Neste sentido, as escolas, as câmaras municipais e as juntas de freguesia, devem atuar como os principais meios de financiamento e de divulgação, de modo a que estes programas consigam

chegar a todo o tipo de famílias, independentemente do seu estrato socioeconómico, de forma a facultar-lhes capacidades e competências, para educar e intervir adequadamente no desenvolvimento dos seus filhos. Este programa tem como finalidade promover, nos pais, competências sociais e socio-emocionais e boas práticas parentais, demonstrando consequentemente sucesso na melhoria de competências socio-emocionais das crianças do pré-escolar (McCabe & Altamura, 2011). Considero igualmente fundamental, visto que as crianças passam grande parte do seu tempo no pré-escolar, criar formações pedagógicas destinadas às educadoras de infância, com a finalidade de lhes fornecer um conhecimento mais aprofundado sobre as crianças com problemas de comportamento, de forma a que estas, consigam responder adequadamente às manifestações comportamentais destas crianças.

A presente investigação assume-se como relevante, porque veio permitir perceber melhor os diferentes estilos parentais, de ambos os pais e a forma como estes estão relacionados com o comportamento da criança, na relação com os outros que as rodeiam, uma vez que, ao analisar a família, estamos a abranger toda a sociedade, visto que esta é o reflexo de uma educação orientada por estes princípios. A melhor forma de educar os filhos, tem sido uma temática muito abordada nos últimos tempos.

Através dos resultados obtidos, verificou-se que o estilo mais adotado pelos pais é o estilo autoritativo e, segundo a literatura, este é o estilo que fornece mais benefícios ao desenvolvimento saudável da criança, na medida em que estes pais têm em consideração, em primeiro lugar, as necessidades e interesses da criança, por meio do diálogo, afeto e com uma grande responsividade, estabelecendo regras e deveres que a criança tem de cumprir. Assim, verificou-se que uma educação equilibrada, em casa, através do estilo parental autoritativo, pode proporcionar um melhor desenvolvimento da criança.

Deste modo, torna-se fundamental existir uma maior intervenção com os pais, para lhes fornecer os conhecimentos de práticas educativas eficazes e capacidades específicas, que lhes possibilitem proporcionar um melhor desenvolvimento de competências sociais nas crianças e, ao mesmo tempo, crie uma melhor dinâmica familiar que irá refletir-se numa melhor parentalidade, visto que, se não existir um saudável relacionamento conjugal, estes nunca conseguirão estabelecer uma boa interação com os seus filhos.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. M. T. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga: Benzena
- Batista, N., Monteiro, C., Silva, M., Sousa I. (2011). *Programa de Promoção de Competências Sociais: Intervenção em grupo com alunos do 2º e 3º ciclo do ensino básico*. Porto: Instituto Superior da Maia.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1967). Ghild care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4 (1), 1-103. doi: 10.1037/h0030372.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11 (1), 56-95.
- Bolsoni - Silva, A.T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7, 227-235.
- Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2006). *Compreender a agressividade na criança*. Lisboa: Editorial Presença.
- Bronfrenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cabrera, N. J., Tamis – Le Monda, C. S., Brandy, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71, 127-136.

- Card N. A., Little T. D., Hawley P. H. & Hodges E. V. (2005). Gender effects in peer nominations for aggression and social status. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (2), 146-155.
- Carvalho R. G. (2006). Isolamento social nas crianças: propostas de intervenção cognitivo – comportamental. *Revista Latinoamericana de Educacion*, 40 (3). Madeira: Direção Regional de Educação.
- Cecconello, C. A & Koler, S. (2000). Competência Social e Empatia: Um Estudo sobre Resiliência com Crianças em Situação de Pobreza.. *Estudos de Psicologia*, 5 (1), 71-93.
- Chen, X, Dong, Q. & Zhou, H. (1997). Authoritative and authoritarian parenting practices and social and school performance in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development* , 21 (4), 855-873. doi: 10.1080/016502597384703.
- Crick, N. R. (1996). The role of overt aggression, relational aggression , and prosocial behavior in the prediction of children' s future social adjustment. *Child Development* , 67(5), 2317-2327.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Cummings, E.M. & Davis, P.T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43 (1), 31-63.
- Custódio, S. & Cruz O. (2008). As Representações Mentais das Crianças acerca das Figuras Parentais. *Psicologia:Teoria e Pesquisa* , 24 (4), 393-405.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496. doi: 10.1037/0033-2909.113.3.487.

- Deater-Deckard, K. & Scarr, S. (1996). Parenting stress among dual-earner mothers and fathers: Are there gender differences? *Journal of Family Psychology*, 10 (1), 45-59. doi: 10.1037/0893-3200.10.1.45.
- Degnan, K.A., Fox, N.A., Henderson, H.A., Rubin, K.H. (2008). Predicting social wariness in middle childhood: The moderating roles of maternal personality and behavior. *Social Development*, 17(3), 471-487 .doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00437.x.
- Eccles, J. S. e Roeser, R. W. (1999). *School and Community influences on human development*. In M. H. Bornstein e M. E. Lamb (orgs), *Development Psychology An advanced textbook* (4 ed, pp. 451-502). Mahwah, N. J: Lawrence Erlbaum.
- Fariz, M. D., Mias, C. D. e Moura, C. B. (2005). *Comportamento agressivo e terapia cognitiva comportamental na infância*. In V.E. Cabalio e M.A. Simón. *Manual de Psicologia Clínica infantil e do Adolescente*.
- Ferreira, B., Fernandes, C., Santos A. J. & Veríssimo, M. (2011). *Estilos e dimensões parentais: Uma análise das propriedades do questionário PSDQ*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Glasgow, K. L., Dornsbusch, S. M., Troyer, L, Steinberg, L. & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescents attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68, 507-529.
- Gessell, A. (1996). *A criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicação Dom Quixote.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia(4ª ed.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gustafsson, H. , C. , Cox , M. C. & Blair , C. (2012) . Maternal parenting as a mediator of the relationship between intimate partner violence and effortful control. *Journal of Family Psychology*, 26 (1) , 115- 123.

- Hastings, P. D., Rubin, K. H., DeRose, L. (2005). Links Among Gender, Inhibition and Parental Socialization in the Development of Prosocial Behavior. *Merril Palmer – Quarterly*, 51 (4) , 467-493.
- Hawley P. H. (2002). Social Dominance and Prosocial and Coersive Strategies of Resource Control in Preschoolers. *International Journal of Behavior Development*, 26 (2), 167-176.
- Hawley, P. H. (2003). Prosocial and coercive configuring of resource control in early adolescence: A case for the well adapted machiavelliar. *Merril Palmer – Quarterly*, 49 (3) , 310-342.
- Henderson, H. A. , Marshall, P. J. , Fox, N. , A. & Rubin, K., H. (2004). Psychophysiological and behavioral evidence for varying forms and functions of nonsocial behavior in preschoolers. *Child Development*, 75(1) , 251-263.
- Howes, C., Matheson, C. C., & Hamilton, C. E. (1994). Maternal, teacher, and child care history correlates of children's relationships with peers. *Child Development*, 65 (1), 264-273.
- Homes ,C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development*, 54(4), 1041-1053.
- Ladd, G. W., Kochenderfer, B. J., & Coleman, C. C. (1996). Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. *Child Development*, 67 (3), 1103-1118.
- LaFreniere & Dumas, P.J. (1996). Competência Social e Avaliação de Comportamentos em Crianças das 3 aos 6 anos (SCBE-30). *Psychological Assessment*.. 8 (4), 369-377.
- Lamb, M. (1992) . O Papel do Pai em Mundaça. *Análise Psicológica* 1 (10) , 19-34.
- Lemos , M. , S & Meneses , S. , H. (2002). A avaliação da competência social: versão portuguesa da forma para Professores do SSRS. *Psicologia : Teoria & Pesquisa*, 18 (3), 267-274.

- Lewis, C., e Lamb. M. E. (2003). Fathers 'influences on children's development: The evidence from two- parents families. *European Journal of Psychology of Education* , 18 (2), 211-228.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M. & Mussen, P. H. (Eds.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality and social development* (Vol.4, pp. 1 – 101). New York: Wiley.
- Macooby E. (2000). Parenting and its effects on children: on meading and misreading. Behavior Genetics. *Annual Reviews Psychology*, 51, 1-27.
- Mccabe P. C. & Altamura M. (2011), Empirically valid strategies to improve social and emotional competence of preschool children. *Psychology in the schools*. 48(5). doi:10.1002/pits.20570.
- Nelson, L.J., Rubin, K.H., & Fox, N.A. (2005). Social and nonsocial behaviors and peer acceptance: A longitudinal model of the development of self-perceptions in children ages 4 to 7 years. *Early Education and Development*, 20, 185-200. doi:10.1016/j.ecresq.2005.04.007.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Cambridge, MA: Blackwell Publishers.
- Papila D. E. , Olds S. W.e Feldman R., D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGrawhill.
- Pristein, M. J. e Cillessen, A. H. (2003). Forms and Functions of adolescent peer aggression associated with high levels of peer status. *Merril – Palmer Quarterly*, 3, 310-342.
- Robinson, C. (1996). *Psychometric Support for a New Measure of Authoritative ,Authoritarian, and Permissive Parenting Practices: Cross Cultural Connections*. XI Vth Bienal International Society for the Study of Behavioral Development Conference. *Quebec City, Canadá*.

- Robinson, C., C., Olsen, S. F., McNeilly, M. Hart, C. H. & Nelson, D., A., (1998) Overt and Relational Aggression in Russian Nursery-School-Age Children: Parenting Style and Marital Linkages. *Child Development*, 34, (4), 687- 697.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimension Questionnaire (PSDQ). In B.F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of Family Measurement Techniques: Instruments & Index* (Vol.3, pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rubin, K. H. (1993). The Waterloo Longitudinal Project: Correlates and consequences of social withdrawal from childhood to adolescence. In K. H. Rubin & J. B. Asendorpf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp. 291-314). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rubin, K. H. (1998). Social and emotional development from a cultural perspective. *Development Psychology*, 34(4), 611-615.
- Rubin, K.H. & Burgess, K. (2001). Social withdrawal. In M.W. Vasey & M.R. Dadds (Eds.), *The developmental psychopathology of anxiety*. (pp. 407-434). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Rubin, K.H. & Burgess, K. (2002). Parents of aggressive and withdrawn children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*. (pp. 383-418).
- Rubin, K. H., Burgess K. B., Dwyer, K. M. & Hastings, P.D. (2003). Predicting preschoolers' externalizing behaviors from toddler temperament, conflict, and maternal negativity. *Developmental Psychology*, 39, 164-176.
- Rubin, K. H., Chen, X., McDougall, P., Bowker, A., & McKinnon, J. (1995). The Waterloo Longitudinal Project: Predicting adolescent internalizing and externalizing problems from early and mid-childhood. *Development and Psychopathology*, 7, 751-764.

- Rubin, K. H. & Coplan, R. J. (2004). Playing Attention to and not neglecting social withdrawal and social isolation. *Merril - Palmer Quarterly*, 50 (4), 506-534.
- Rubin, K. H., & Krasnor, L. R. (1986). *Social cognitive and social behavioral perspectives on problem-solving*. In M. Perlmutter (Ed.), *Minnesota Symposia on Child Psychology* (Vol. 18, pp. 1-68). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Santos, A. J., & Veríssimo, M. (2008). Escala de avaliação do comportamento e competência social (LaFreniere e Dunas, 1995). *XIII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos*. Braga, Portugal.
- Shope, S.J., Mangelsdorf, S. C. & Frosch, C. A. (2001) . Coparenting, family process and family structure: Implications for preschooler' externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 15 (3), 526-545. doi: 10.1037//0893-3200.15.3.526 .
- Veríssimo, M. (n.d.). *Ficha de Identificação*. Manuscrito não publicado.
- Weber, L. N., Brandenburg, O. J. & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico- USF*, 8 (1), 71-79.
- Weber, L. N., Prado P. M., Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 323-331.
- Winsler, A., Madigan, A. & Aquilino, S. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 1-12. doi:10.1016/j.ecresq.2005.01.007.